

## A minha paixão pela música- o início

*A música é o chão comum de quem ama e de quem sofre*



O convite era entusiasmante. Um sonho que há muito eu esperava. Ir com a banda para tão longe e poder ouvi-la durante todo o dia e toda a noite parecia algo irrealista- uma miragem. O convite fora feito de forma convicta e generosa. O meu irmão sabia que eu gostava de música e não lhe passava despercebido o facto de eu trautear melodias da banda da terra, sobretudo as que tocavam o coração e faziam despertar os sentimentos e o clamor romântico de um jovem. Não lhe passava ao lado que eu iria ficar feliz não só porque a viagem era longa como o facto de eu acompanhar artistas com fama na região. Ouvi-los seria um delírio, um conforto da alma, uma quase loucura.

O meu irmão conhecia-me bem e lia nos meus olhos o entusiasmo pela música. Ele sabia que a Banda de Mateus estava carente de elementos e que urgia sensibilizar-me para a aprendizagem da arte que herdámos do lado materno. As bandas da região estavam decadentes, fragilizadas pelo êxodo das populações para o sonho da emigração tendo como destinos prioritários, França e Alemanha. O meu irmão Valter ponderou tudo isto...

Quando ele me disse: “amanhã vou levar-te com a banda para Chacim e vai cedo para a cama...”bem, dei uma gargalhada de contentamento. Escusado será dizer que nessa noite não tive sono e os meus pensamentos foram preenchidos com vagas de emoção e fantasia. Fui o primeiro a levantar-me, ainda antes dos galos da tia Olímpia despertarem para os habituais gritos estilhaçados da fome e das maluqueiras da idade, uma vez que alguns eram ainda franganotes e atrevidos no cantar.

Já na festa tudo me parecia diferente e bonito. Achava as pessoas maravilhosas e disponíveis para falarem com os músicos; olhavam-nos com alegria e meiguice. Na primeira arruada o povo caminhava ao lado da banda num torpor incandescente. Eu lá ia de cabeça levantada com a pasta do mestre Edmundo procurando ser útil para assim merecer as várias refeições a que os músicos tinham direito. Como eu me sentia feliz sabendo que dentro da pasta iam milhares de notas de música metidas nas partituras do mestre. Lembro ainda o jantar servido principescamente em quantidade e qualidade num chão que gemia de caruncho com os passos pesados do patrão. E visiono as filhas que fizeram questão de servir os músicos, espalhando sorrisos e

palavras desconexas mas bonitas. Elas eram jovens e atraentes criando uma empatia nos músicos e um apetite matreiro de cumplicidades e olhares.

Os sumos ainda não se usavam naquelas bandas transmontanas, sendo o vinho a bebida obrigatória. Vinhos sem mixórdias, da cepa, como diziam orgulhosamente os homens. A mim permitiram-me beber água, porque não era ainda músico e a minha juventude e baixa estatura abonavam a meu favor. A água foi-me servida numa malga tirada de um cântaro grande e escuro. Lembro com profunda e bela nostalgia essa noite de arraial. Eu, dentro do vetusto autocarro com a manta do motorista “Mourão” a tapar-me o corpo, protegendo-me assim do frio que entrava pelas janelas. Ao longe a banda tocava impondo-se ao silêncio daquele lugar e ao brilho das estrelas que tremiam no céu tecidas por teias de luar...e que lindo lugar aquele!

Os sons chegavam mais perto e com mais força enfeitiçando a minha alma num êxtase deixando-me sem palavras. Sentia fundo a criação divina de que era feita a música e admirava aqueles músicos que a transformavam em algo vivo que empolgava as populações. Sentia os sons como uma reza, uma espécie de oração envolvente e doce. Agora mais de perto uma melodia que me agita e transforma obrigando-me a abrir uma janela emperrada para ouvir melhor essa sedutora e incandescente corrente sonora. Era a marcha do carrilhão “os sinos cantam” cujos sons emprestavam à alma uma dádiva da melhor melodia que se fez até hoje, uma cintilante cadeia de sons que arrebatava os corações. O António Larica era mestre que brincava com as “barras” deixando o público hipnotizado pelo instrumento. Fui contagiado, pelo que estava a ouvir e com essa marcha tenho convivido toda a minha vida. Ela foi a janela aberta para que no dia seguinte ao fim da manhã eu fosse apressadamente bater à porta do meu irmão Valter para que ele me iniciasse no solfejo. Demorou a abrir-me a porta porque descansava ainda da noite do arraial que acabara pelas cinco da manhã. Ao ver-me como um mendigo, em vez de protestar, não. Depois de me perguntar o que fazia ali àquela hora e de eu lhe responder com um sorriso confiante e decidido que queria aprender música, ele, com largo bocejo apenas disse: “Está bem, aparece logo à tardinha e pede um “Freitas Gazul” emprestado...”

Começou nesse dia a minha verdadeira paixão pela música graças à marcha do carrilhão que em sua honra a coloquei sempre na estante enquanto dirigi a Banda de Mateus.

Mais do que outra fonte qualquer, a música ao longo dos tempos tem-me servido de infalível bússola na orientação das minhas decisões e em cada dia vou ao encontro dos sons que me dão prazer e paz. Por vezes, num fio de saudade e cogitações, as lembranças emergem estranhamente angustiantes, porque a música é o chão comum de quem ama e de quem sofre.